

— Os anjos também festejam suas vitórias — disse o Mentor. — É pior que o perdedor aquele que não festeja sua vitória. O viver merece celebração e a alegria que brota dessa situação gera boas energias que se constitui num registro imaculado. O Universo está repleto dessas energias e cabe a cada um interceptar esses bons fluídos para abastecer-se de labores. Festa não quer dizer orgia, bebedeira ou algazarra. Festa quer dizer alegria, convívio e comemoração. A diversão deve ser usada como remédio, não como veneno. Ó místicos a diversão é um presente de Deus, divirtam-se à vontade, mas não caiam no ridículo. O ridículo envergonha e deprime. A alegria de agora pode ser tristeza logo mais. Vivam na alegria, celebrem os momentos alegres, comemorem esses momentos — mas não adicionem nenhum pretexto a mais para que não caiam em fornicação.

Ouvindo a conversa do Mentor os rapazes quase nem piscavam. Sonhavam acordados como se tudo estivesse acontecendo naquele momento e do mesmo modo que sonhavam. A interiorização leva a esses devaneios, que na maioria das vezes, é sim o resgate de acontecimentos antigos. Às vezes são as contemplações de outros mundos, às vezes são devaneios que revelam coisas que ainda não aconteceram. Eles passaram então a falar sobre essas coisas por um longo tempo.

.....

— Primeiro: preciso confessar que não dei as pérolas a minha tia avó. Eu as vendi por um bom preço, e com o dinheiro comprei um pequeno hospital na periferia da cidade. Lá o povo é muito pobre e não tem como se valer da medicina. Cuidei de muitas crianças e velhos, ricos e pobres. Vi dor e sofrimento. Vi também a morte morrer. Os ricos pagavam pelos pobres com sobras para ampliar o hospital. Deixei o hospital para estar aqui, mas em meu lugar ficaram dois bons colegas médicos que continuarão com meu serviço. Descobri que o cometa que passa, é visto por todo mundo, e depois que desaparece no Universo não mais é visto, mas ele continua existindo. É o mesmo que aquele que pratica a boa ação, mesmo que deixar de praticá-las elas continuam a existir porque se formou um registro. Esse registro é um exemplo que poderá ser seguido, pois é um bom exemplo.

HAMYNTHAS MATHNATHA

O MENTOR

Campo Mourão - Paraná
2011

1ª EDIÇÃO

PRÓLOGO

Após a grande visitação, ocorrida antes da virada do milênio, Pérgamo, um Mago criador de ostras, homem iluminado pelo próprio Kosmo e detentor da imensa sabedoria advinda de seres de relevante grandeza, aceita a sua missão, a qual consiste em levar homens de boa índole ao contato com os justos, e ainda, prepará-los à liderança no mundo do porvir.

Após o contato, o mago saiu pelo mundo, olhando tudo, observando todos, no afã de reunir uma legião de homens cujos corações fossem locupletados de boas ações e cuja dedicação se propusesse a caminhar com ele pelas sendas da sabedoria. Ele precisava mudar o mundo, e para que isto fosse possível, precisava mudar as pessoas.

Em outros tempos, Pérgamo já presidira um grande grupo de estudiosos sobre ocultismo, mas percebeu que de nada valeria entrar pelo oculto sem antes conhecer o cotidiano, o visível, e descobrir-se. Ficara por vários anos em suas fazendas aquáticas, meditando continuamente para descobrir a si mesmo. Soube, através de um hussita, que haveria um grande contato antes da virada do milênio. Preparou-se para esse acontecimento, e recebeu do Universo a chancela de Mentor.

O MENTOR

Naquela tarde, o porto grego estava muito movimentado. A barca para Turquia sairia em breve e Ravel, um monge que havia deixado o mosteiro, não conseguia um lugar. A lotação estava esgotada e ele precisava viajar de qualquer modo.

— Moça, por favor! Só mais uma! ...

— Só se houver desistência de última hora! Quer aguardar um pouco! — disse ela, já perdendo o controle.

Durante a viagem, Pérgamo encontrou a bordo com aquele rapaz com roupas de monge, cabeça raspada e sandálias de couro nos pés, levando consigo apenas um embornal amarrado à cintura e um pouco murcho, demonstrando que nele havia pouca coisa.

Era noite. Pérgamo contemplava as estrelas como quem falasse com elas. O moço indignado pelas vestimentas daquele homem e pelo seu ar sereno foi ter com ele.

— Senhor... — disse lhe, estendo a mão.

— Pérgamo — completou o viajante.

— Posso fazer-lhe companhia? — indagou Ravel.

— Sabe que já está comigo — disse-lhe o Mentor.

— O que quer dizer?

— Embora individualizado, você não está só no mundo, assim como todos não estão: está comigo, com todos os outros indivíduos do

Universo e também consigo mesmo. Não é preciso estar perto para estar com alguém, nem é preciso ouvir para saber, nem é preciso morrer para conhecer a morte, assim como não é preciso viver se não houver um objetivo.

Ravel pestanejou. Poderia ter encostado a alguém mais ponderado, alguém que falasse com todas as letras e olhando bem nos olhos dele. Pérgamo não era assim. Falava olhando as estrelas, sua voz vinha junto com suas certezas e as palavras brotavam de dentro do coração. O moço percebeu que seu companheiro de viagem possuía os modos de seu antigo Mestre, mas via nele algo bem mais substancial, fato pelo qual queria aproximar-se mais.

Depois de alguns minutos de silêncio, Ravel voltou às falas.

— Para onde vai, senhor?

— Para onde minha missão me leva.

— E para onde ela o levará?

— Ainda não sei. Apenas quero chegar à Turquia, porque sei que é um dos caminhos que devo percorrer.

— Eu também vou à Turquia! — disse Ravel.

O moço esperava alguma pergunta a mais por parte do estranho, mas esse se resignou em apenas franzir a testa, para depois voltar a contemplar as estrelas, que naquela noite eram mais límpidas e brilhantes que nos outros dias. Então por si mesmo deu à fala.

— Senhor, como vê, sou um monge fugitivo. Não dei à prisão, por isso saí do mosteiro para conhecer o mundo.

— Tornaria a deixar tudo para viver outra realidade? — indagou Pérgamo.

— Quanto a isso não sei o que pensar, mas no mundo há muitas coisas que ainda não conheço. Gostaria de ser o dono de meu próprio nariz, assim como o senhor parece ser.

— Ó moço, não deseje ser como ninguém. Se precisasse de duas pessoas iguais no mundo, os deuses já as teriam feito.

Depois dessa curta conversa o Mentor retirou-se para recolher-se, visto que a madrugada já se aproximava.

Ravel também tinha sono, mas não conseguia dormir naquela noite, sempre pensando nas palavras do homem que havia conhecido. Era ele muito diferente dos monges que conhecia, embora também pa-

recesse um. Ele não falava sobre religião, nem reclamava de nada, nunca ficava irado e nem mesmo queria saber sobre sua vida. O rapaz nunca havia visto alguém assim. Aquele senhor até lhe pareceu suspeito. Poderia ser um terrorista indo àquele país para incorporar-se a outros do bando, ou até mesmo fosse um espião que faria algum serviço sujo em território alheio.

Na manhã do dia seguinte, Ravel voltou ao convés, esperando encontrar o seu novo amigo, mas esse não estava em nenhum lugar. Perguntou a alguns passageiros se não o haviam visto, mas ninguém sabia de quem se tratava aquelas descrições.

Ravel entristeceu-se como no dia em que se despedira do mosteiro para procurar novas aventuras. Havia encontrado um novo amigo, mas o perdera em menos de meio dia.

Ravel era místico por sua própria natureza. Levava a sério cada passo da vida, por isso estava ansioso, pois guardara alguns antigos ensinamentos sobre essas coisas. Sabia que aquele encontro não era força do acaso, sabia que no barco havia muitas pessoas — no entanto — somente aquele homem lhe dera em conversa.

Dentro da madrugada o barco chegou ao precário porto da cidade de Esmirna. Após um complicado sistema de desembarque, caminhou o moço pelas estreitas ruas, imaginando o que teria acontecido com seu novo amigo. Não o viu descer e pareceu-lhe que nenhuma outra pessoa tivesse visto aquele homem. Condenou-se por não ter pegado seu endereço, pois com ele poderia procurá-lo em outro dia, e só assim saberia o significado das palavras que Pérgamo proferiu no convés.

Algum dia passou Ravel em Esmirna, até que um forte palpite o convidava a retornar a Atenas. Comprou passagem de bordo, e quando ia embarcar, ouviu uma voz serena que o chamava.

— Ravel!... Ravel!...

O moço olhou a todos os lados, mas não avistou ninguém conhecido. Pensou que fossem coisas de sua mente que traziam à tona o seu próprio nome, ou mesmo aquele chamado fosse direcionado para outra pessoa.

Em meio a tanta gente o jovem ficava pensando se Deus sabia mesmo que estava fazendo. Era gente para todo lado: uns, bem arrumados, outros, imundos e magros como o bambu, alguns com a face

horrenda, em detrimento de outros cuja beleza era coberta de olhares.

O navio partiu do golfo. Já era por volta do meio-dia quando o almoço aos passageiros já se fazia servido. Ravel sentou-se para comer sua primeira refeição daquele dia. Olhou para o lado e junto dele estava sentado o mesmo homem que conhecera no convés durante a viagem de ida. Custou o moço a acreditar que estava ao lado de quem estava procurando por vários dias.

Enquanto esteve na cidade havia em sua cabeça uma ideia fixa em torno do que havia escutado, mas preferiu pensar que fosse o destino que não permitiu que continuasse a conversa.

— Senhor Pérgamo! — exclamou — por onde esteve?

— Seguindo-o — respondeu o Mentor.

— E por quê?

— Precisava conhecê-lo o bastante para propor um assunto.

— Seguiu meus passos? Todos eles?

— Todos.

— Até!...

— Até.

— E quem é o senhor?

— Sou aquele que veio ao mundo para ajudar a humanidade.

— E ajuda a humanidade assim: andando de navio e seguindo as pessoas, até quando se faz algo muito particular?

O nobre senhor não quis dar nenhuma resposta e nem mesmo ousou em reprimir ao rapaz — apenas olhou ao mar e apontou com o dedo.

— Uma foca monachus!

— E daí? — disse Ravel.

— As focas monachus fazem parte da Terra e sem elas um elo no Planeta seria rompido. Para o homem haveria uma pequena solidão sem elas. Para ajudar a humanidade é preciso que se ajudem também a foca monachus e a todos os outros seres, vivos ou não. Porque sem eles o homem estaria em completa solidão.

— Porventura o senhor não é um desses naturalistas fanáticos, que impede o progresso?

— As focas monachus eram abundantes no Mediterrâneo em outros tempos — comentou Pérgamo — hoje restam poucas e estão

fadadas ao extermínio. Se eu lhe tirasse um braço — continuou — o que poria em seu lugar? — concluiu o Mentor com outra pergunta.

— Ora, não sei. Ficaria maneta, sei lá.

Pérgamo estava diante de uma situação adversa. Gostava do rapaz, mas esse não sabia de nada. Precisava fazer com que o moço espremisse o cérebro para fazer jorrar dele alguma sabedoria. Precisava prepará-lo à consciência, se esse assim quisesse, para despertá-lo ao Amor Divino.

Quando desembarcaram na Grécia e iam despedir-se, Ravel voltou ao companheiro de viagem e disse:

— Da outra vez perguntei para onde o senhor ia porque desejava segui-lo. Não obtive nenhuma resposta contundente, e de sobra, ainda o senhor sumiu. Depois veio me dizendo que foi o senhor quem me seguiu durante o tempo todo. O que quer de mim?

— Temia que não perguntasse. Agora posso entrar no assunto.

— Que assunto?

— Já falamos sobre isto antes, mas só agora vejo algum interesse de sua parte, pois se irradiou de entusiasmo. Quer ajudar-me na missão?

— A de salvar as focas monachus?

— Sim.

— Mas como salvaremos as focas monachus se não temos ao menos um barco para vigiá-las?

— Não temos um barco para vigiar as focas, mas podemos vigiar os homens.

— Mas há no mundo muitos homens que perseguem as focas monachus! Como iremos vigiá-los?

Ravel não percebia que Pérgamo falava por alegorias, mas isso não tinha muita importância. Um bom mestre nunca diz ao seu aprendiz o que fazer: põe todas as pistas para que o novato descubra a solução. Entre muitas pistas, põe ainda algumas falsas, pois aquele que delas se valer jamais será um sábio. O novato precisa separar as pistas falsas das verdadeiras, e para isso, deve utilizar o intelecto, valendo-se da mente objetiva e a subjetiva ao mesmo tempo, para poder construir sua própria rota. E um dia, quando tiver caminhado por todos os caminhos que levam à sabedoria, obterá um imenso poder para realizar grandes prodígios.

Diante de algumas pequenas explicações proferidas pelo Mentor, Ravel veio a saldar as dúvidas a respeito das pretensões do novo amigo, e ouviu atentamente uma pequena estória.

— Certa vez, um navegante descobriu uma nova rota para terras distantes. Seu imediato, um marinheiro um tanto distraído, se esqueceu de levar os pergaminhos para as anotações de seu capitão. Não havendo outra coisa onde anotar, o capitão valeu-se de seu próprio retrato, pintado na porcelana, para pôr no verso os passos que havia dado. Finda a viagem, o navegante quis mostrar a seu rei sua aventura e pediu ao imediato que levasse o mapa para provar a nova rota que havia descoberto. O imediato acostumado com o eterno balanço do navio perdeu o equilíbrio e tombou com a porcelana contendo o mapa e o retrato do navegante, fazendo-o em mil pedaços. O capitão esbravejou, mandou fuzilar o imediato, depois se ajoelhou aos pés do rei e implorou misericórdia para si mesmo. O rei, homem de imensa sabedoria, absolveu o imediato e disse ao navegante:

“Reconstrua o mapa, montando pedaço por pedaço da porcelana e todos serão absolvidos”.

“Mas como? — perguntou — se os traços são indefinidos, muito difíceis de serem postos na sequência correta?”.

“Não se preocupe — disse o rei — junte os pedaços de seu retrato, cole-os uns aos outros. Assim aparecerá sua própria face. Depois olhe ao verso da porcelana que o roteiro estará feito. Junte seus próprios pedaços, pois neles estão todas as pistas”.

Ravel precisava juntar suas outras partes dispersas pelos alqueires do mundo. Precisava saborear o gosto da sabedoria, sentir o cheiro gostoso da vida e olhar à luz atraente vinda das sendas divinas. O Mentor ensinava sem ensinar e ele ignorava e aprendia. Sabia que não precisava vigiar as focas monachus, mas sim aos homens os quais as maltratavam.

Depois de alguns segundos, Ravel, cheio de coragem, perguntou:

— Posso segui-lo, grande sábio?

— Não. — respondeu — Não agora. Saia pelo mundo e junte seus pedaços, depois venha ter comigo. Ao voltar, certamente seremos muitos. Assim poderemos vigiar todas as focas monachus.

— E como eu o encontrarei?

— Encontrará. Fique certo disso!